



Mulher, Gênero e Sociedade

Eixo Temático: GT5 - Relações Psicossociais, Economia Comportamental e Economia da Saúde

Jamille Oliveira Pontes¹
Caroline Pereira Santos²
Almiralva Ferraz Gomes³

1. Referência bibliográfica

MURARO, Rose Marie; PUPPIN, Andrea Brandão (Orgs.). **Mulher, Gênero e Sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

2. Apresentação das autoras da obra

A obra é organizada por Rose Marie Muraro e Andrea Brandão Puppín. A primeira foi escritora, intelectual e feminista brasileira. Nascida em 1930 no Rio de Janeiro, dedicou grande parte de sua vida à defesa dos direitos das mulheres e à promoção da igualdade de gênero. Formada em Economia e Física, participou da fundação de editoras importantes no Brasil, como a Editora Vozes e a Editora Rosa dos Tempos. Publicou mais de 40 obras, diversos artigos e poesias, além de editar mais de 1600 livros. Faleceu em 2014, aos 83 anos, deixando um grande legado por sua atuação política e por ter sido uma das principais vozes do movimento feminista no país. A segunda organizadora possui graduação em Pedagogia, mestrado em Educação e doutorado em Sociologia. Escreveu o livro “Do lugar das mulheres e das mulheres fora de lugar”, que estuda as relações de gênero nas empresas.

3. Breve síntese da obra

A obra é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo analisar a condição feminina no Brasil, levando em consideração as relações sociais, econômicas e políticas que permeiam a vida das mulheres. É organizada em quatro temas e cada tema possui três capítulos compostos por artigos escritos por diferentes autores. O tema que abre a coletânea aborda *Gênero e Cultura* e os artigos desse bloco são de Jeni Vaitsman, Marline Míriam de Matos Almeida e João Bosco Hora Góis. O segundo bloco discute *Mulher e Política* por meio dos artigos de Carlos Minc, Satie Mizubuti e Clara Araújo. O terceiro tema abordado versa sobre *Mulher, História e Sociedade* e traz textos de Rachel Soihet, Suely Gomes Costa e Hildete Pereira de Melo. Por fim, o último bloco trata da *Mulher e Literatura* com os artigos de Luís Filipe Ribeiro, Cyana Leahy-Dios e Marcia Cavendish Wanderley.

¹ Graduanda em Administração. Bolsista de iniciação científica (Fapesb). E-mail: jamilleolivp@outlook.com

² Graduanda em Administração. Bolsista de iniciação científica (Pibic/CNPq). E-mail: pcaroline111@gmail.com

³ Professora Plena do DCSA/UESB. Doutora em Administração (UFLA). E-mail: almiralva.gomes@uesb.edu.br



4. Perspectiva teórica da obra

A obra contribui para a compreensão das relações entre gênero e sociedade e as lutas feministas pela busca de igualdade de direitos e oportunidades para mulheres e homens. O livro foi pioneiro ao abordar questões como a violência contra as mulheres, a divisão sexual do trabalho, a sexualidade feminina, a participação das mulheres na política, entre outros temas relevantes para o feminismo.

As pesquisadoras e pesquisadores apresentam uma análise crítica da situação das mulheres no Brasil e no mundo, apontando para a necessidade de uma transformação radical nas estruturas sociais que perpetuam a desigualdade entre os gêneros. É uma referência para estudiosos e ativistas feministas, além de ser importante para quem deseja compreender as complexas relações entre gênero, poder e sociedade.

5. Procedimentos metodológicos

Adotou-se a revisão bibliográfica como abordagem metodológica para desenvolver esta resenha, dada a sua importância fundamental em pesquisas científicas. Tendo em vista que o debate em torno de gênero ainda carece de muitos estudos e avanços, a revisão bibliográfica permite ao pesquisador que se obtenha uma visão mais abrangente da produção acadêmica que discute a condição feminina na sociedade. Deste modo, a referida técnica foi adotada com o intuito de se analisar criticamente a obra organizada pelas pesquisadoras Rose Marie Muraro e Andrea Brandão Puppim: “Mulher, Gênero e Sociedade”.

6. Conteúdo

O primeiro tema, *Gênero e Cultura*, inicia-se com o texto “Gênero, identidade, casamento e família na sociedade contemporânea” de Jeni Vaitsman. Este capítulo analisa como as transformações das últimas décadas têm gerado impactos significativos nas formas de viver e construir a vida afetiva e familiar. A família moderna é mais diversa e flexível e as expectativas em torno do papel de cada gênero na família mudaram significativamente. Essas mudanças estão relacionadas a fatores sociais, culturais e econômicos, que rompem com os modelos tradicionais de família. Apesar das mudanças, muitas sociedades ainda possuem normas rígidas e estereotipadas sobre os papéis masculinos e femininos na família e na sociedade. Deste modo, faz-se necessário repensar os modelos tradicionais de família e de



gênero para que haja maior diversidade, flexibilidade e igualdade nas formas de construir a vida afetiva e familiar.

Marlise Míriam de Matos Almeida aborda em “Masculinidades: uma discussão conceitual preliminar”, no segundo capítulo do livro, a importância das masculinidades para se entender as desigualdades de gênero, a violência e a opressão, que muitas vezes são associadas à expressão hegemônica da masculinidade. A construção social da masculinidade é influenciada por vários fatores, incluindo a cultura, a história, a raça, a classe social e a sexualidade. Muitas vezes, inclusive, envolve a busca pelo poder e pela dominação, o que pode levar a formas de violência e opressão contra as mulheres e outros que não se enquadram no padrão hegemônico de masculinidade. Essa construção pode ser prejudicial para os homens, pois os estereótipos podem limitar sua expressão emocional e levar a problemas de saúde mental.

“Olhos e ouvidos públicos para atos (quase) privados: a formação de uma percepção pública da homossexualidade como doença”, de João Bôsco Hora Góis, analisa a relação entre homossexualidade e democracia no Brasil. O pesquisador argumenta que a homossexualidade foi percebida como uma ameaça à ordem social e moral durante a ditadura militar, o que levou à criminalização da prática homossexual e à disseminação de discursos que patologizavam a homossexualidade.

O segundo tema, *Mulher e Política*, estreia com o ensaio de Carlos Minc, “Assédio sexual”, e aborda as implicações sociais, políticas e culturais do assédio. O autor evidencia as raízes culturais do assédio, apontando como a cultura machista e patriarcal contribui para a naturalização desse tipo de violência. Além de defender o combate ao assédio não só por meio da punição dos agressores, argumenta que a educação e a conscientização sobre os direitos das mulheres e a necessidade de respeitar a integridade física e psicológica dos indivíduos são essenciais bem como a criação de políticas públicas que garantam a proteção das mulheres e a punição dos agressores.

Satie Mizubuti, em “Mulher e política - Um relato de caso”, apresenta um ensaio autobiográfico da sua trajetória na militância política feminista. A autora enfatiza a importância da participação das mulheres na política e na luta pelos seus direitos, apontando a necessidade de superar as desigualdades de gênero e promover a igualdade de oportunidades. A luta feminista não pode ser vista como uma questão isolada, mas sim como parte de um movimento mais amplo de transformação social, para que se tenha a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.



Clara Araújo argumenta em “Construindo novas estratégias, buscando novos espaços políticos - as mulheres e as demandas por presença” que as mulheres estão subrepresentadas na política, em termos quantitativos e qualitativos, ocupam menos cargos políticos e têm menos poder de decisão do que os homens. A autora defende a construção de novas estratégias políticas que levem em conta as especificidades das mulheres e suas demandas por participação efetiva nos espaços de poder.

“Sutileza, ironia e zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação”, de Rachel Soihet, abre o terceiro tema da coletânea: *Mulher, História e Sociedade*. As lutas pela emancipação sempre enfrentaram resistência e desqualificação e uma das estratégias utilizadas para desqualificar é o uso da sutileza, ironia e zombaria. A sutileza consiste em utilizar uma linguagem aparentemente neutra e objetiva para transmitir preconceitos e discriminações. A ironia em dizer algo com um sentido oposto ao que se quer expressar, com o objetivo de ridicularizar a luta feminina. A zombaria em ridicularizar as lutas femininas de forma direta, com o objetivo de deslegitimar as mulheres.

Suely Gomes Costa, em “Saúde, gênero e representações sociais”, mostra como as construções sociais de gênero afetam a forma como homens e mulheres cuidam de si e buscam atendimento médico. A saúde é uma construção social e deve ser compreendida em um contexto mais amplo, que inclui aspectos históricos, culturais e políticos. Um dos pontos abordados é a necessidade de se pensar a saúde a partir de uma perspectiva de gênero, porque homens e mulheres vivem experiências diferentes em relação ao corpo e à sexualidade.

“O feminismo nas manufaturas brasileiras”, de Hildete Pereira de Melo, faz uma análise da participação das mulheres nas indústrias têxteis brasileiras e como foram importantes para o fortalecimento do movimento feminista no país, uma vez que a partir dessa experiência, as mulheres passaram a se organizar e reivindicar melhores condições de trabalho, salários mais justos e direitos civis e políticos. Elas se organizavam em grupos e associações, realizavam manifestações e greves e participavam ativamente das discussões sobre a emancipação feminina e a igualdade de gênero.

Por fim, no último tema, *Mulher e Literatura*, Luís Felipe Ribeiro, em “Mulheres em Machado de Assis: um desejo masculino”, destaca que, apesar de Machado ter criado personagens femininas marcantes em sua obra, a representação das mulheres na sua literatura é marcada por uma construção do desejo masculino. Ele segue um ideal de feminilidade da época, que as caracterizam como objetos de desejo masculino.



Cyana Leahy-Dios, no capítulo intitulado “Cultura, gênero e literatura”, tem como foco a obra de Carolina Maria de Jesus. Tal obra revela-se como uma forma de resistência contra a opressão vivida por mulheres negras na sociedade brasileira. O artigo critica a representação das mulheres na literatura, apontando a forma como as mulheres têm sido tradicionalmente retratadas, como personagens secundárias ou como objetos de desejo masculino, e como a literatura pode ser utilizada para denunciar as desigualdades de gênero e raça.

Escrito por Márcia Cavendish Wanderley, “Literatura: vertentes da voz feminina pós-64 no Brasil” faz uma análise da produção literária brasileira de autoras a partir da década de 1960. A autora argumenta que a produção literária das mulheres na época é marcada por um desejo de se expressar de forma autônoma e de encontrar uma identidade própria, em contraposição à imagem estereotipada da mulher como ser submisso e inferior. Ela ressalta a importância dessas vozes femininas na literatura brasileira e como elas contribuíram para a ampliação do debate sobre questões de gênero e busca pela igualdade.

7. Considerações pessoais

A obra é uma chamada à reflexão sobre as práticas cotidianas que perpetuam a desigualdade de gênero e a necessidade de se construir uma sociedade mais inclusiva e democrática, na qual mulheres e homens possam ter acesso a oportunidades e direitos iguais. Em síntese, “Mulher, Gênero e Sociedade” é um livro fundamental para quem deseja compreender as complexas relações de gênero na sociedade brasileira e para aqueles que desejam contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas. A maioria dos artigos da presente coletânea certamente teve influência da clássica obra de Simone de Beauvoir, publicada em 1949, “O Segundo Sexo”. Essa obra é considerada um dos marcos do pensamento feminista e examina a condição da mulher na sociedade, analisando as questões de gênero e a opressão das mulheres ao longo da história. Em outras palavras, é fundamental para compreender e discutir as relações de gênero, assim como é a coletânea organizada por Rose Marie Muraro e Andrea Brandão Puppín, “Mulher, Gênero e Sociedade”. O intervalo de seis décadas entre essas publicações reforça a ideia de que o percurso ainda é longo em direção a uma sociedade igualitária.



8. Glossário⁴

Desigualdade - É utilizado para indicar o oposto de igualdade, ou seja, a falta de equilíbrio entre duas ou mais partes.

Estereótipo - Concepções rígidas sobre a realidade que não aceitam ponderações, questionamentos ou contraposições.

Feminilidade - Pode ser definida a partir de um conjunto de características do padrão heteronormativo: fragilidade, emoção, beleza, dependência social e nutriz emocional e física dos outros.

Feminismo - Expressão na legislação que defende igualdade de educação, salário e oportunidade para as mulheres.

Gênero - Categoria de análise que procura dar conta de relações socialmente constituídas, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social.

Masculinidade - A virilidade, a força, a energia, a coragem, o uso da razão, a competitividade, a rudeza, o desleixo consigo mesmo, a falta de cuidado com o outro, a dificuldade de expressar sentimentos, de chorar, um apego e zelo pela honra são condições associadas à masculinidade.

Patriarcado - Refere-se a uma forma de organização familiar e social em que o homem, o patriarca, submete os outros membros da família ao seu poder.

Relação de gênero - Campo de pesquisa acadêmica interdisciplinar que procura compreender as relações entre os gêneros - masculino e feminino - na cultura e na sociedade humanas.

⁴ Todas as definições deste glossário foram extraídas de: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Org.). **Dicionário crítico de gênero**. 2. ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. 748 p.